



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

OFICINAS DE GEOGRAFIA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS

Área temática: Educação

Nome dos autores¹ 01 - Sonia Maria de Lira; 02 - Lívia Silva do Nascimento; 03 - Maria José Elaine Costa Silva; 04 - Andreza Kelly Guedes de Medeiros; 05 - Iranildo Anibal de Lima Sousa; 06 - Letícia dos Santos Ferreira; 07 - Raphaela Barbosa de Farias; 08 - Paulo Sérgio Cunha Farias.

¹Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Curso de Licenciatura em Geografia.

Resumo

No ensino de Geografia ainda se trabalha com a memorização e enfatizam-se conteúdos fragmentados dos conhecimentos geográficos, sem uma contextualização com a realidade concreta. Isto dificulta a aprendizagem destes conhecimentos pelas pessoas com deficiências visuais, tornando a disciplina geográfica desinteressante e sem utilização na vida real. Como também, materiais cartográficos táteis são inexistentes, nos espaços escolares de Campina Grande/PB, para a construção destes saberes pelos referidos segmentos. Por isso, este trabalho de extensão teve o objetivo de organizar e realizar oficinas de Geografia no Instituto dos Cegos de Campina Grande, com a confecção de mapas táteis, maquetes e outros instrumentos pedagógicos, que pudessem auxiliar na construção conceitual geográfica. A extensão foi desenvolvida por professores e licenciandos em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), através do planejamento, execução e avaliação constante das referidas oficinas, além da elaboração dos recursos táteis que foram doados a entidade parceira. Como resultados destacamos a melhoria da formação dos licenciandos envolvidos, os quais puderam vivenciar teoria e prática no trabalho executado, além de encaminharem investigação de iniciação científica, apresentada em eventos. Como também, enfatizamos a ampliação dos conhecimentos geográficos proporcionada aos estudantes com deficiência visual e aos professores da referida entidade, e a disponibilização de recursos didáticos para esta área do conhecimento que poderão ser utilizados na continuidade do processo educacional destes jovens escolares.

Palavras chave: Geografia, cartografia, cegos

1. Introdução

O trabalho com a educação geográfica para pessoas com deficiências visuais surgiu a partir do contato dos monitores do Laboratório de Ensino e Geografia (LAEG),



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

da Unidade Acadêmica de Geografia (UAG/UFCG) com o Instituto dos Cegos de Campina Grande. De acordo com Silva (2014, p. 32),

O Instituto abriga portadores (sic) de deficiência visual, com perda parcial ou total da visão, vindos de diversos bairros de Campina Grande e cidades vizinhas, que encontram na instituição a ajuda necessária para tentarem incluir-se na sociedade e terem uma vida normal. Atualmente, o Instituto trabalha com 180 deficientes que estudam e aprendem a fazer diversas atividades cotidianas.

O Instituto também dá apoio pedagógico a algumas escolas públicas do seu entorno que recebem estudantes com deficiência visual. No trabalho de extensão realizado atendemos em torno de vinte cegos que estudavam entre o 6º e o 9º anos do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Ademais, houve a participação efetiva no projeto das professoras de Geografia, Português e Matemática da Rede de Ensino Estadual que estão à disposição da entidade. Dessa forma, o trabalho tornou-se interdisciplinar a partir de atividades que se expandiram para além do campo dos saberes geográficos.

O projeto de extensão, aqui apresentado, teve a aprovação do Programa de bolsa de extensão (PROBEX) – vigência 2015, da Pró-reitoria de Pesquisa e Extensão (PROPEX), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) o qual atendeu uma das estudantes da equipe com bolsa de extensão.

Também é importante ressaltar o apoio do Núcleo de Educação Especial da Universidade Estadual de Pernambuco (UEPB) no projeto, a partir da elaboração dos textos em braile e das tarjetas utilizadas nos mapas táteis e maquetes.

Este trabalho teve grande importância social e educacional, pois propiciou novas construções conceituais da análise socioespacial para os estudantes com deficiência visual, possibilitando uma leitura do mundo diferenciada e contribuindo para a ampliação de suas autonomias sobre o espaço.

A inserção destes sujeitos nesta área do conhecimento é necessária, porque alguns dos jovens escolares haviam relatado o desinteresse pelas aulas de Geografia no Ensino Regular, por serem estas enfadonhas e sem uma aprendizagem concreta.

Ressaltando sobre esta discussão Cavalcanti (2002, p. 20) afirma que,



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

O ensino de geografia (...), não se deve portar pela descrição e enumeração de dados, priorizado apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes impostos à “memória” dos alunos, sem real interesse por parte destes). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições.

Dessa forma, o ensino de Geografia deve problematizar as questões socioespaciais e possibilitar a construção conceitual desta área do conhecimento, tão importante para o entendimento das inter-relações que ocorrem no mundo atual.

Contudo, construir conceitos não é algo tão simples, pois segundo Vygotsky (1979, p. 83),

Um conceito é algo mais do que a soma de certas ligações associativas formadas pela memória, é mais do que um simples hábito mental; é um complexo e genuíno ato de pensamento, que não pode ser ensinado pelo constante repisar, antes pelo contrário, que só pode ser realizado quando o próprio desenvolvimento mental da criança tiver atingido o nível necessário.

Por isso, durante o trabalho realizado houve a preocupação com as individualidades na construção do conhecimento dos estudantes com deficiência visual e utilizamos várias estratégias que possibilitassem tornar o espaço o mais concreto possível, para que este segmento estudantil pudesse construir os conceitos geográficos e cartográficos. A apropriação destes conhecimentos também é necessária para a inclusão deste jovens escolares em um processo educativo que amplie seus horizontes espaciais.

A inclusão segundo Stainback e Stainback (1999 apud LOPES, 2013. p. 68-69) “traz consigo um novo paradigma que está sustentado no princípio da ‘educação para todos’. Partem do princípio de que todos devem ter acesso [...] à educação e à vida social”. Mas, identificamos que a educação geográfica não estava contribuindo para o processo inclusivo das pessoas com deficiência visual nos espaços educacionais, tanto por falta de formação adequada dos profissionais em educação quanto por carência de materiais adequados para este trabalho.

Conforme a gestora daquela entidade, que também possui deficiência visual, havia a necessidade da confecção de materiais cartográficos em alto relevo para os portadores desta deficiência, pois ela própria havia tido dificuldades nos seus estudos geográficos pela inexistência destes materiais na sua trajetória escolar.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Dessa forma, o trabalho foi encaminhado com atividades bastante diferenciadas, a partir do uso de músicas e textos de gêneros literários diversos, dando ênfase aos conceitos-chaves da Geografia. Como também, foram utilizados mapas táteis e maquetes, entre outros recursos pedagógicos, os quais serão mais detalhadamente enfatizados no desenvolvimento do texto.

Estes instrumentos possibilitaram a leitura das representações cartográficas de locais próximos como a planta do Instituto dos Cegos e da cidade de Campina Grande/PB, os quais serviram para orientação e localização de espaços da instituição e bairros da cidade. Além destes foram trabalhados mapas táteis com outras escalas, desde a regional à nacional e à mundial.

Segundo Loch (2008, p. 45-46),

Os mapas táteis são confeccionados para atender principalmente as duas necessidades: a educação e a orientação/mobilidade de pessoas com deficiência visual severa ou com cegueira. Desta forma, para a primeira necessidade os mapas serão aqueles de referência geral, concebidos em escala pequena, como os mapas de atlas e os geográficos de parede, além dos mapas de livros didáticos. Para atender à segunda necessidade, os mapas precisam ser confeccionados em escalas grandes, como é o caso dos mapas de centros urbanos, e em escala maior ainda, para auxiliar a mobilidade em edifícios públicos de grande circulação. Na verdade, esses últimos mapas são plantas, pois representam em projeção ortogonal, os elementos selecionados de pequenas porções da superfície terrestre ou de edifícios.

No Instituto dos Cegos priorizamos o trabalho com a planta desta entidade, por ser um lugar de profundas relações afetivas destas pessoas e que eles conhecem pela vivência cotidiana, conforme a figura nº 01 que apresenta a visualização da planta tátil do Instituto.



Figura 1: Planta tátil do Instituto

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Além disso, foram trabalhadas também representações espaciais em três dimensões que traziam uma maior aproximação com a realidade concreta. Neste caso, foi utilizada a maquete do Instituto dos Cegos e do seu entorno e do relevo da Paraíba, conforme as figuras nº 02 e nº 03.



Figura 2: Maquete do Instituto



Figura 3: Maquete da Paraíba

Conforme Zen & Morais (2009, p. 02):

A construção de maquetes tem o objetivo principal de fazer com que o educando compreenda o espaço tridimensional representado por elas, estabelecendo diferenças entre o bidimensional do mapa e as três dimensões da maquete. As maquetes, neste contexto, aparecem como um recurso de ensino para o professor, ao permitirem em sua construção o desenvolvimento da noção de proporcionalidade no ensino da Geografia, bem como noções de altura, profundidade, direito, esquerdo, frente, atrás, além do aprimoramento de habilidades psicomotoras. É uma forma de registrar a superfície terrestre de forma reduzida, como na escala de um mapa.

A atividade com as maquetes apresentadas através das figuras nº 02 e 03 contribuíram com diversas noções da representação espacial, as quais foram ampliadas com as informações das legendas, pontos cardeais, escalas etc. Estes elementos são fundamentais na elaboração cartográfica e foram complementados com outros materiais concretos para uma melhor apreensão dos conceitos cartográficos, os quais serão também apresentados no desenvolvimento deste trabalho.

Desta forma, os mapas táteis são recursos pedagógicos fundamentais na construção dos conhecimentos geográficos e históricos para os estudantes com deficiências visuais e também podem ser utilizados em outras áreas do conhecimento. E é na Geografia que eles conseguem ser explorados com todas as suas potencialidades. Reiterando Oliveira (apud ALMEIDA, 2011, p. 25):



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

O representável no mapa caracteriza-se sempre: a) pelo seu tamanho, que é grande em relação ao organismo daquele que aprende [,,] b) pela sua forma: pelo fato de ser curva a superfície da Terra e pela complexidade das formas dos objetos a serem incluídos na representação – o que se estende a todas as formas de objetos perceptíveis, eventos, pessoas e relações entre esses objetos; e c) pelo fato de que os objetos, dada a sua complexidade de tamanho e forma, não permitem que o sujeito os perceba de uma só vez, pois o seu organismo encontra-se mergulhado no mundo e não flutuando sobre ele. Exigindo, para aprender sobre o espaço terrestre como um todo, trabalhar com a sua representação.

Por isso, utilizamos os mapas e/ou maquetes e também o globinho tátil nas oficinas desenvolvidas no Instituto, conseguindo assim que os vários elementos que o compõem fossem investigados pelos sujeitos envolvidos. Isto foi importante, porque estas pessoas necessitavam entender as simbologias próprias destes materiais para que os mesmos pudessem ser lidos e interpretados.

Desta forma, tivemos como objetivo do trabalho de extensão, organizar e realizar minicursos e oficinas sobre a disciplina geográfica para pessoas com deficiência visual com o intuito de possibilitar novas inter-relações socioespaciais destes segmentos e, conseqüentemente, contribuir com a ampliação de sua autonomia sobre o espaço.

Entre os objetivos específicos destacamos:

- Trabalhar temas e conteúdos específicos do ensino de Geografia, conforme debates recentes desta área do conhecimento, para possibilitar novas interpretações sobre os lugares cotidianos e espaços mais distantes, os quais também influenciam sobre a realidade local;
- Produzir materiais didáticos, entre eles maquetes e mapas táteis, que pudessem ser utilizados pelos estudantes com deficiências visuais no sentido de facilitar a aprendizagem de Geografia e, conseqüentemente, capacitá-los para ampliação de suas autonomias, condição fundamental para a inclusão socioespacial.

No percurso da realização das oficinas e mini-cursos utilizamos também a pesquisa participante, na qual o(a)s extensionistas verificaram como aqueles estudantes estavam construindo os conceitos geográficos e cartográficos, o que possibilitou publicação de artigos em dois eventos científicos: no Congresso Nacional de Educação



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

(CONEDU) e no III Seminário de Geografia e Ensino, ambos realizados em Campina Grande/PB, no ano 2015.

A extensão também possibilitou aos licenciandos em Geografia uma formação inicial que relacionava constantemente teoria e prática, contribuindo com condições para futuras intervenções pedagógicas com mais comprometimento social e sensibilidade ao trabalho com os portadores de necessidades especiais.

2. Desenvolvimento

A extensão no Instituto dos Cegos de Campina Grande foi encaminhada em três etapas:

- 1ª) Fundamentação teórica dos membros da equipe, a partir de autores como: Almeida (2010; 2014); Vygotsky (1979; 1983); Santos (1997; 1999); Cavalcanti (2005); Lira (2014); Tuan (2012), Castrogiovanni (2002), Loch (2008) entre outros;
- 2ª) Planejamento dos minicursos e oficinas;
- 3ª) Realização dos minicursos e oficinas com os seguintes temas: a) O lugar vivido pelos estudantes com deficiências visuais a partir da confecção de maquetes do Instituto dos Cegos e seu entorno; b) Conhecimento do espaço da cidade através da planta tátil de Campina Grande/PB; c) Aprendendo sobre a Paraíba na região Nordeste, de acordo com os mapas táteis da Paraíba e do Nordeste, com suas maquetes respectivas e a visita ao Museu Interativo do Semiárido (MISA) e d) Conhecendo o território brasileiro e o mundo, com a maquete do relevo brasileiro, os mapas táteis do Brasil, do planisfério e o globinho tátil.

A seguir apresentamos a figura nº 04 em que apresenta alguns membros da equipe trabalhando na organização das oficinas.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Figura 4: Equipe organizando as oficinas

Durante a realização das oficinas foram trabalhados os principais conceitos geográficos, entre eles destacamos: espaço, lugar, paisagem, região e território. Para a construção dos referidos conceitos foram usadas músicas com fonte ampliada para os estudantes com baixa visão e textos escritos em braile para aqueles com cegueira total, além do áudio das referidas músicas e de poesia recitada por poeta popular, acompanhados com debates. Os textos em braile foram elaborados pelo Instituto dos Cegos de Campina Grande/PB e pelo Núcleo de Educação Especial, localizado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), parceiros do projeto.

O uso de gêneros literários diferentes proporcionou um trabalho interdisciplinar com a área da língua portuguesa. Isto favoreceu a continuidade do trabalho com a professora de Português da instituição, pois o CD e os textos em braile também foram doados ao Instituto.

Para a construção dos conceitos cartográficos de lateralização, localização, escala, entre outros, usamos brincadeiras e materiais táteis diversos. Entre os referidos materiais destacamos: rosa-dos-ventos tátil, mapas e plantas táteis, globo tátil, bem como maquetes e brinquedos modificados para questões de escala como carros em tamanhos diferentes e casas em miniatura com teto e sem teto, como também cones e cilindros para o trabalho com as projeções cartográficas, conforme figura nº 05 apresentando os materiais produzidos.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Figura 5: Materiais produzidos para extensão

A preparação que antecedeu às oficinas ocorreu com a fundamentação teórica dos membros da equipe, a partir de leituras e debates sistemáticos sobre os conceitos que seriam trabalhados e as questões metodológicas apropriadas. Também aconteceram reuniões para discutir e planejar os trabalhos e visitas exploratórias ao local de aplicação do projeto (Instituto dos Cegos) para tirar as medidas reais das instalações do prédio para a elaboração da planta baixa e da maquete da instituição.

A primeira oficina foi realizada no dia 16 de Julho de 2015 e teve como objetivo construir com os estudantes o conceito de lugar a partir do cotidiano do Instituto dos Cegos (IC) e entender a importância dos mapas, analisando os conceitos de localização, orientação e escala de acordo com atividades práticas. Nesta oficina houve a comparação entre maquete e planta baixa do IC/CG. A princípio foi pedido para que



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

eles elaborassem um mapa mental do IC para facilitar a compreensão da construção do mapa, como materialização e planificação do real. Embora acreditássemos que os cegos tivessem dificuldades com esta atividade fomos surpreendidos com alguns que usaram o celular para desenhar espaços do IC, além de identificarem áreas que representaram com formatos diferenciados.

Na continuação da primeira oficina foi lido o texto “Os mapas e os lugares” e discutido com eles o conceito de lugar. Como também, trabalhamos o texto: “Os mapas: símbolos e proporções”. Todos estes materiais foram distribuídos em braile para os estudantes com cegueira total e texto em fonte ampliada para os estudantes caracterizados por baixa visão. Posteriormente, foi iniciada a atividade prática denominada “banho de papel”. Os estudantes foram orientados a ficarem em duplas, amassarem uma folha de papel e, a partir daí tiveram orientações para passarem o papel no corpo do seu parceiro com os comandos dos lugares, por exemplo, no braço direito ou braço esquerdo. Depois foi pedido que um aluno ficasse numa determinada localização da sala e batessem palmas, para que os outros pudessem indicar a localidade de onde vinha o som. Estas atividades serviram para desenvolver nos estudantes conceituações importantes no campo cartográfico, como as de lateralidade, contribuindo com noções de localização e orientação. Prosseguindo foi utilizada uma rosa-dos-ventos tátil, a qual foi tateada pelos estudantes com cegueira total e visualizada pelos demais escolares e professore(a)s.

No segundo momento da oficina a turma foi separada em dois grupos para facilitar a tateação dos outros materiais. Inicialmente receberam duas casinhas pequenas, com e sem telhado (por dentro) para que fossem tateadas, para identificarem aspectos observados a partir do alto dos objetos. Posteriormente, foi pedido para que se desenhasse em um papel um mapa mental indicando o deslocamento das suas casas até o IC. Este grupo também tateou a planta tátil do IC identificando os diversos cômodos do prédio, como também a área externa da instituição como a piscina, quadras etc, conforme figura nº 02, já apresentada neste texto.

O outro grupo, nesta mesma data, tateou carrinhos de tamanhos diversos no intuito de construir a noção de escala a partir das proporções diferenciadas destes

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

objetos. Tatearam também a maquete do IC e seu entorno, para analisarem o espaço físico e suas relações socioespaciais com o bairro, percebendo as avenidas, canal e outros elementos do entorno. Os dois grupos trocaram de salas, posteriormente para participarem das mesmas atividades do outro grupo.

Esta divisão se fez necessária para que com quantidades menores de estudantes o acompanhamento individual pudesse ocorrer e as construções conceituais tivessem avaliações dos extensionistas e, em oficinas seguintes, pudessem ser retomados estes conceitos.

A segunda oficina ocorreu no início do mês de setembro, após o aporte teórico adquirido nas reuniões e construção da planta tátil de Campina Grande-PB. Foi aplicada, tendo como objetivos principais: retomar o conceito de lugar a partir da música “Campinense” e construir o conceito de paisagem a partir da planta do IC e do poema “Paisagem de Interior” de Jessier Quirino, além da retomada dos conceitos de localização, orientação e escala, trabalhados anteriormente, os quais pelas avaliações da equipe precisavam de novos encaminhamentos.

No primeiro momento, para que fosse retomado o conceito de lugar, foi ouvida e debatida a música “Campinense”, associando ao texto o “conceito de lugar”. Para a introdução ao conceito de paisagem foram levantadas questões a respeito do IC e do seu entorno com os estudantes. Posteriormente, foi ouvido e debatido o poema “Paisagem de Interior” no intuito de resgatar o conceito de paisagem a partir de elementos urbanos e rurais conhecidos pelos estudantes.

No segundo momento a turma foi separada em grupos. Com o primeiro grupo foi retomada a maquete do IC e pedido para que novamente tateassem este material e respondessem as indagações: “Há paisagem neste local? Por que tem ou por que não tem? O que é paisagem? O que lembra a paisagem? Que elementos da paisagem dificultam o acesso de vocês ao IC? Quem poderia resolver os problemas de acessibilidade que vocês enfrentam? A quem vocês devem recorrer? Estes questionamentos trouxeram contribuições muito interessantes dos estudantes quanto à atuação política dos governantes quanto a acessibilidade deles, colocando que já haviam



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

se mobilizado para reivindicar os direitos em outros momentos, mas não haviam sido atendidos, pois o canal do entorno do IC não tinha guarda-corpos.

O outro grupo ficou com o toque da planta de Campina Grande e verificação da localização dos bairros para enfatizar o conceito de lugar em um sentido mais amplo, a partir da localização de alguns bairros que morassem. Posteriormente, foram trocados os grupos com o propósito de refazer os passos para os demais estudantes (revezando os materiais). Da mesma forma, as análises foram feitas a cerca dos conceitos cartográficos, buscando verificar o que foi construído de conhecimentos por eles e quais as dificuldades que os mesmos enfrentaram nessa construção.

Este processo de análise conceitual foi encaminhado enquanto pesquisa participante, tornando-se artigo elaborado pelos extensionistas e posteriormente apresentado em eventos, como já foi ressaltado neste trabalho.

No mês de outubro foi realizado o aulão somente com os estudantes que iriam prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a partir de proposição feita pelos jovens que iriam fazer o exame. Foram elaboradas apostilas específicas resgatando os diversos conceitos geográficos: lugar, paisagem, região, território e espaço, e os conceitos cartográficos de escala, projeções e coordenadas. Foram aplicadas questões de anos anteriores do ENEM, o que possibilitou a percepção de dificuldades dos estudantes quanto a questões matemáticas.

Neste contexto, a interdisciplinaridade foi possível com as áreas de exatas, pois alguns conceitos cartográficos, entre eles o de escala demandam noções de proporção. Ademais, são exigidos nos exercícios do ENEM cálculos de distâncias com conversão de medidas. Por isso, a professora de Matemática também participou do processo e ficou responsável por dar continuidade aos cálculos com os estudantes em outros momentos das aulas no Instituto. Para facilitar este trabalho elaboramos e doamos uma tabela de conversão de medidas em braile para a entidade.

A terceira oficina se deu no final de novembro, ocorrendo após o planejamento e confecção do mapa tátil do estado da Paraíba, da região Nordeste e maquete do relevo das respectivas áreas. O objetivo foi o de construir os conceitos de território e região, utilizando-se das músicas “Ruas do tráfico” e “A triste partida”. Essa oficina foi



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

desenvolvida na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), local em que os alunos tiveram o primeiro contato com o laboratório de ensino em Geografia (LAEG). Foi utilizado o mapa da Paraíba, um mapa da divisão política do Nordeste, além de mapas de hipsometria do estado da Paraíba e da Região Nordeste, conforme figuras nº 06 e nº 07.



Figura 6: Mapa da Região Nordeste



Figura 7: Mapa da Paraíba

Esta oficina foi concluída com a visita ao Museu Interativo do Semiárido (MISA), no qual os alunos tiveram contato com móveis antigos e ferramentas que foram ou continuam sendo utilizadas na Região do Semiárido. Nesse caso, foi possibilitado aos estudantes cegos poderem tocar nas peças para melhor aproveitamento da visita, fato que é proibido aos estudantes videntes. Além disso, escutaram lendas oriundas do semiárido nordestino.

A quarta oficina foi realizada no IC, no início de dezembro, com participação dos diversos professores da entidade. Inicialmente, foi ouvida e debatida a música “Cidadão” e relacionada com o conceito de espaço. Em seguida, foram retomados os materiais e conceitos trabalhados nas oficinas anteriores e apresentados os mapas táteis do Brasil, com a maquete do relevo brasileiro, o planisfério e o globo tátil.

Esta última oficina teve também um papel de formação interdisciplinar para os professores das várias áreas de conhecimento da entidade. Foram resgatados os textos dos diferentes gêneros literários para os docentes das Línguas, a relação entre a Cartografia e a Matemática, entre a História e a Geografia etc. Na conclusão foram entregues à entidade todos os materiais produzidos para fazerem parte do seu acervo e



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

ênfatisados os cuidados de manutenção, pois por serem materiais de confecção artesanal necessitaria de manutenção constante.

3. Considerações Finais

O trabalho de extensão, aqui apresentado, contemplou uma experiência de formação inicial para os licenciandos em Geografia os quais participaram do projeto, que não poderia ser propiciado apenas com o aporte teórico da academia, já que a relação com a comunidade só é concretizada através da extensão. Como exemplo desta formação identificamos que, ao término da extensão, uma das participantes da equipe passou a trabalhar em escolas do seu município em salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), por solicitação da secretaria de educação municipal.

Ademais, a relação entre ensino, pesquisa e extensão foi garantida, pois houve intervenções pedagógicas, produção científica através de artigos apresentados em eventos e a execução da extensão na entidade parceira. Sendo assim, o projeto de extensão em 2015 atingiu os seus objetivos, tanto na organização quanto na execução das oficinas no Instituto dos Cegos de Campina Grande.

4. Referências

ALMEIDA, R. D. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 2013.

ALMEIDA, R. A. **A cartografia tátil no ensino de Geografia: teoria e prática**. In: ALMEIDA, R. D. (Org.) **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2010.

CALLAI, H. C. **A formação do profissional da Geografia**. Ijuí: Ed.Unijuí, 2003.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas: Papirus, 2005.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

ISBN: 978-85-93416-00-2



Apóio





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

LIRA, S. M. O ensino de Geografia, a construção do conhecimento geográfico e a operacionalização da prática docente. In: FARIAS, P. S. C; OLIVEIRA, M. M. (Org.) **A formação docente em Geografia: teorias e práticas**. Campina Grande: EDUFPG, 2014.

LOCH, R. E. N. **Cartografia Tátil**: mapas para deficientes visuais. Londrina: Portal da Cartografia, 2008 v.1, n.1, maio/ago p. 35 - 58. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia> Acesso em: março 2015.

LOPES, M. C. **Inclusão & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

NOGUEIRA, A. R. B. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar. In: PONTUSCHKA, N. N. (Org.) **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002.

NUNES, A. L. P. F; SILVA, M. B. C. **A extensão universitária no ensino superior e a sociedade**. Barbacena: Mal-Estar e Sociedade, 2011. Ano IV , n. 7 - jul/dez - p. 119-133.

SANTOS, C. **O uso dos desenhos no Ensino Fundamental**: imagens e conceitos. In: PONTUSCHKA, N. N. (Org.) **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo/ razão e emoção. São Paulo, HUCITEC, 1999.

SILVA. G. R. B. **Acessibilidade e mobilidade em espaços usados por portadores de deficiência visual**: o caso do entorno do Instituto dos Cegos. Campina Grande: UFCG, 2014.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. O desenvolvimento dos conceitos científicos na infância. In: VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Edição: Ridendo Castigat Mores, 1979, p. 83 – 117.

ISBN: 978-85-93416-00-2

